

Em novembro cumprem-se 25 anos do documento sobre a importância do ensino dos Padres da Igreja nas Universidades Católicas e Seminários — *Instrução sobre o estudo dos Padres da Igreja na formação sacerdotal* ou *Inspectis diebus* —, verdadeiro vade-mécum patrístico, tanto para professores quanto para estudantes, por revelar concisamente o tesouro teológico, litúrgico e catequético contido nos Padres. O texto busca superar as dificuldades do decreto do Vaticano II *Optatam Totius* (1965), determinando a Patrologia como matéria autônoma, com uma determinada carga horária, metodologia e distribuição de temáticas curriculares, além de ressaltar a importância da doutrina desses mestres do Cristianismo na exegese da fé.

A instrução se articula em quatro pontos essenciais. Primeiramente, oferece um panorama do estado atual da teologia pós-conciliar. Em segundo lugar, aborda a razão do estudo dos Padres da Igreja, conforme a seguinte trilogia: 1) por seu privilegiado testemunho da Tradição; 2) por seu método teológico luminoso e seguro; 3) pela riqueza cultural e apostólica, que os torna grandes mestres da Igreja do passado e do presente. Em terceiro lugar, determina como os Padres devem ser estudados e aconselha a diferenciar a Patrologia — matéria inicial que investiga a vida e a obra do Padre — da Patrística — referente a seu pensamento teológico e ulterior desenvolvimento dogmático —, bem como a distinção entre História da Igreja antiga e Literatura cristã primitiva. Embora fornecendo uma fonte específica particular de pesquisa, esses temas são interpenetráveis e podem ser analisados num conjunto unitário. O documento conclui propondo uma série de conselhos práticos e orientativos acerca de sua aplicação concreta.

Drobner, ao comentá-lo, destaca alguns pontos convenientes a serem recordados.<sup>1</sup> Explica que o nome “Patrologia” é o mais utilizado por ser o mais abrangente, conforme já se comentou. Mas também:

---

1) DROBNER, Hubertus R. La Patrología en la formación sacerdotal según la “Instrucción sobre el estudio de los Padres de la Iglesia”. In: MATEO-SECO, L. et al. (ed.). *La formación de los sacerdotes en las circunstancias actuales*. Pamplona: Universidad de Navarra, 1990, p. 861-873.

Somente o nome de Patrologia não explicaria bem a estrutura uniforme da disciplina e seu caráter fundamentalmente teológico, mas antes eliminaria também uma confusão corrente nas línguas universais que praticamente não distinguem Patrística de Patrologia, pelo que a própria Instrução é sucumbida involuntariamente quando emprega o adjetivo patrístico.<sup>2</sup>

Outro ponto importante a destacar é o que se entende propriamente por Padre da Igreja. Já São Vicente de Lérins (séc. V) escrevia em seu *Commonitorium* acerca das características desses mestres da fé. Para ele, eram aqueles que reuniam as seguintes características: a ortodoxia da doutrina, a santidade de vida, a aprovação eclesiástica e a antiguidade. Assim, estritamente, se excluiria Orígenes, por alguns erros doutrinários, e Tertuliano, por seu fim montanista. Contudo, por outro lado, conforme a novidade trazida pela Instrução, desdobram-se duas outras categorias coligadas aos Padres, isto é, a dos “escritores eclesiásticos”, entre eles, o próprio Orígenes,<sup>3</sup> e um terceiro círculo, mais amplo, englobando pagãos e filósofos, tais como Celso, Fílon de Alexandria, etc.<sup>4</sup>

Ademais, a preponderância dos Padres foi destacada durante os debates teológicos pós-Vaticano II. Dois anos antes da publicação da *Inspectis dierum*, René Latourelle, SJ, apresentava sua obra *Vaticano II, balanço e perspectivas. Vinte e cinco anos depois do Concílio*,<sup>5</sup> na qual recolhe testemunhos de diversos teólogos no que tange à respectiva matéria de especialização, ressaltando em cada uma delas sua importância e atualidade. Entre os capítulos destaca-se o de autoria de Antonio Orbe, SJ, acerca do estudo da Patrística. Essa valiosa contribuição harmoniza sua madura experiência pessoal de educador e investigador,<sup>6</sup> além de complementar um artigo anterior intitulado *La patrística y el proceso de la teología* (1969).

---

2) Ibid., p. 864.

3) CONGREGATIO DE INSTITUTIONE CATHOLICA. *Instructio de Patrum Ecclesiae studio in sacerdotali institutione (Inspectis dierum)*, n. 28 (AAS 82, 620): “Ipse Origenes, qui tanto amore studioque Scripturas excoluit, tantumque ad earum intellegentiam adlaboravit, clare asserit credendas esse velut fidei veritates solummodo illas quae nullo modo aberrant a ‘Traditione ecclesiastica et apostolica’: effecit itaque Traditionem normam interpretativam Scripturae”.

4) Cf. DROBNER, Hubertus R. Op. cit., p. 866.

5) LATOURELLE, René. *Vaticano II: Balance y perspectivas. Veinticinco años después* (1962-1987). Salamanca: Sígueme, 1989.

6) ZANI, Antonio apud ORBE, Antonio. *La teología dei secoli II e III*. Roma: Ed. PUG, 1995, v. 1, p. 5-6: “A. Orbe ha al suo attivo un’abbondante produzione scientifica che l’ha proiettato in frontiera, spesso pioniere coraggioso, nell’analisi impeccabile e accurata dei diversi e complessi sistemi gnostici e della produzione teologica di Ireneo. All’attività scientifica ha ovviamente unito quella didattica, divenendo

A seguir, com base no teólogo jesuíta espanhol, recordaremos alguns pontos fundamentais para o estudo dos Padres, sob a diretiva que “se os santos Padres são importantes sobretudo como exegetas de ambos os testamentos, tanto mais estarão livres de modismos na medida em que estejam associados ao conhecimento das fontes reveladas”.<sup>7</sup>

1. *Três tradições substituem duas línguas.* Uma das grandes e profundas inovações ressaltadas é a necessidade de substituir a antiga divisão entre “Padres gregos” e “Padres latinos” por uma que se refira especificamente à tradição teológica.<sup>8</sup>

Em primeiro lugar, sobressai a denominada “tradição asiática”, a primogênita, que engloba desde os discípulos dos Apóstolos até os Padres Apostólicos, e cujo máximo expoente é Santo Irineu de Lyon. Caracteriza-se particularmente por um paulinismo veraz e eloquente, somado a uma impostação joanina. Entre seus representantes, destacam-se também os bispos e presbíteros da Ásia, como Inácio de Antioquia, Papias de Hierápolis, Policarpo de Esmirna, Teófilo de Antioquia, Melitão de Sardes e, posteriormente, Tertuliano, Hipólito, Gregório de Elvira, Zenão de Verona, Aurélio Prudêncio, entre outros. A sua particular teologia paulina se baseia na doutrina da *recapitulatio*: “Relacionando Cristo com Adão, oferecem a chave da Escritura; enriquecem igualmente a revelação do homem, seu dinamismo sobrenatural, o drama do pecado, a conexão entre a vida trinitária e o mundo, a teologia da história; e introduzem a matéria, a carne humana, no âmbito da Salvação”.<sup>9</sup> Preferem, em geral, a exegese literal harmonizada com a tradição apostólica a fim de lograr uma verdadeira *regula fidei* em detrimento às “novidades” da

---

in tal modo guida rigorosa, severa e sicura di un nutrito e internazionale gruppo di discepoli, da lui allenati all’impegno ascetico dello studio delle fonti antiche della teologia cristiana. La sua frequentazione, di là dei corsi accademici, per la preparazione della tesi dottorale, ad esempio, consente di sperimentare, unitamente alle esigenti richieste concernenti l’approccio analitico ai testi patristici, la squisita attenzione e l’amorevole pazienza verso il discepolo, talvolta intimidito dinanzi allo spessore delle sue conoscenze gnostiche, patristiche e della coeva filosofia”.

7) ORBE, Antonio. El estudio de los Padres de la Iglesia. In: LATOURELLE, R. (ed.). *Vaticano II: Balance y perspectivas*. Veinticinco años después (1962-1987). Salamanca: Sígueme, 1989, p. 1043-1044.

8) PELLAND, Gilles. Le phénomène des écoles en théologie. *Gregorianum*, v. 75, 1994, p. 466: “Le phénomène des écoles met bien en évidence le caractère ‘pluriel’ et ‘situé’ de la théologie, toujours liée à un contexte historique et culturel qui conditionne non seulement ses méthodes d’analyse et ses champs d’intérêt, mais lui fournit les systèmes de représentations auxquels elle ne peut éviter d’avoir recours. Dans la mesure où elle est dépendante de ce contexte et des appuis qu’il lui donne, elle en a aussi les limites et la fragilité. De là l’impossibilité où elle se trouve de procéder de façon rectiligne, de progrès en progrès. Elle passe inévitablement par des hauts et des bas, des périodes de grandeur et des périodes de stagnation”.

9) ORBE, Antonio. La patristica y el progreso de la teología. *Gregorianum*, v. 50, 1969, p. 550-551.

mitologia gnóstica, tendente à exegese alegórica de seus principais mentores, isto é, Valentino, Ptolomeu e Heráclito.

Nascida na África, a “tradição alexandrina” tem origem em Clemente e Orígenes.<sup>10</sup> Profundamente influenciada pelos ensinamentos de Fílon de Alexandria e do platonismo médio, põe de lado a tradição apostólica e enfatiza a alegoria em sua exegese. No Oriente, Eusébio de Cesareia e os Capadócius contam-se entre seus seguidores. Já no Ocidente, Santo Hilário de Poitiers, Santo Ambrósio de Milão e São Jerônimo, entre outros.<sup>11</sup>

Por último, a “escola africana” representada por Santo Agostinho, o homem mais genial de seu tempo, destacando-se pela brilhante retórica, originalidade de pensamento e inigualável biografia. Conforme destaca Dulles: “Graças à rara combinação de força especulativa, erudição e eloquência literária, Aurélio Agostinho (354-430) ocupa um posto absolutamente preeminente na história da apologética patrística”.<sup>12</sup> Ademais, o Bispo de Hipona soube, na confrontação contra os pagãos, definir com precisão a relação entre fé e razão, além de demonstrar, com base na Sagrada Escritura, o desenvolvimento da *historia salutis*, ou da Teologia da História, na qual se insere o homem em função de sua vocação sobrenatural.

As influências e inter-relações entre cada uma das tradições é considerável; contudo, com variados graus de ascendência doutrinária ou mesmo de fiabilidade.

De qualquer forma, a divisão proposta pelo documento supera a concepção bipartida de Jean Daniélou, isto é, com uma matriz judaico-cristã e outra helenística. Essa dicotomia não ocorreu propriamente, pois o Cristianismo soube coordenar a filosofia com a longa tradição teológica.

2. *Que Padre escolher? Como conhecer o personagem a ser estudado?*  
Outro ponto destacado por Orbe é saber discernir desde logo entre Padre e heresiarca, e confirmar se o personagem em questão foi efetivamente teólogo. A doutrina de cada Padre é peculiar e, em geral, quanto mais antigo, maior é a sua originalidade, embora também maior seja a dificuldade de compreensão de seus textos. Nesse sentido, o teólogo jesuíta recorda que “a verdadeira

---

10) Ibid., p. 557-558: “Teólogo de vislumbres, e até mesmo falhas, geniais, exegeta de indiscutível densidade e reflexão bíblica, Orígenes inaugura uma tradição exegética, decisiva no Ocidente e no Oriente. Arianos e nicenos lhe devem igual número de ideias. Ele aponta, sem perceber, o padrão decisivo para calibrar a originalidade de teologias posteriores, derivadas e desviadas da sua”.

11) Cf. ORBE, Antonio. El estudio de los Padres de la Iglesia. In: LATOURELLE, René. (ed.). *Vaticano II: Balance y perspectivas. Veinticinco años después (1962-1987)*. Salamanca: Sígueme, 1989, p. 1038.

12) DULLES, Avery. *Storia dell'Apologética*. Verona: Fede & Cultura, 2010, p. 94.

renovação patrística parte dos escritores que têm maior mensagem, os que são mais geniais e os que mais se aproximam dos escritos neotestamentários”.<sup>13</sup>

Um passo inicial para esta tarefa pode ser dado no âmbito da docência, isto é, pelo modo como o professor auxilia o discípulo no estudo desses mestres da fé. Isso ocorre primariamente pela familiarização com a época de determinado autor, sua cultura, filosofia predominante e doutrinas prejudiciais à Igreja disseminadas no mesmo período, a fonte na qual se nutre a sua teologia, incentivo da leitura da obra na língua original, etc. Tudo isso visa favorecer a aquisição de uma como que segunda natureza em relação ao personagem investigado e seu respectivo contexto.<sup>14</sup>

Alguém poderia objetar que o aluno hodierno é imaturo ou reticente a tudo o que se refere a conceitos abstratos ou àquilo que possua certo tônus puramente doutrinário. Trata-se, no entanto, de empregar uma metodologia adequada. Enquanto em outras épocas seria possível estudar uma obra patrística diretamente, hoje em dia, para a “geração da imagem”, é mais estimulante começar sempre pela figura do autor para depois abordar a sua obra propriamente. Ademais, comenta Orbe:

Mais que no mundo da ciência, penso no círculo de meus alunos, aos quais tratei de introduzir modestamente, onde nem com patrologias nem com tratados dogmáticos conseguem penetrar. [...] Em vez de dividir campos, tratei de apontar as conexões entre os dogmas, acertando as premissas sobre as quais discorrem os primeiros pensadores da mensagem cristã.<sup>15</sup>

Um segundo passo é desvendar o contraste entre os inimigos doutrinários e o Padre, a fim de que pela oposição seja possível encontrar os elementos particulares de cada um, seus argumentos e raízes teológicas, a fim de alcançar uma visão de conjunto de ambos e suas respectivas tradições:

Em minha *Antropología de San Ireneo* — continua Orbe — comprovei um método simplicíssimo de aplicação relativamente fácil. Não há melhor maneira de preencher os vazios de Irineu que indo a seus adversários; nem de apurar notícias do Santo, hoje anódinas, que buscar seus contrários gnósticos.<sup>16</sup>

13) ORBE, Antonio. La patrística y el progreso de la teología. *Gregorianum*, v. 50, 1969, p. 559.

14) Cf. CONGREGATIO DE INSTITUTIONE CATHOLICA. *Instructio de Patrum Ecclesiae studio in sacerdotali institutione (Inspectis dierum)*, n. 65 (AAS 82, 635).

15) ORBE, Antonio. *Introducción a la Teología de los siglos II-III*. Roma: PUG, 1987, v. 1, p. v.

16) Idem. La patrística y el progreso de la teología. *Gregorianum*, v. 50, 1969, p. 552.

Um terceiro passo é desvendar o próprio coração do personagem estudado, sua *forma mentis*, a fim de que seja revelada sua teologia subjacente e o horizonte dogmático ao seu redor.<sup>17</sup> Para tal, é necessário utilizar os seus próprios instrumentos: a exegese, a teologia bíblica, bem como as próprias formas literárias, a fim de abrir novos horizontes na investigação e encontrar um leque de “relações em direção à patrística precedente e a de seu tempo; algo da patrística *in fieri*, em sua criatividade”.<sup>18</sup>

3. *O estudo dos Padres nos oferece uma exegese de fé.* Uma ocorrência particular entre os Padres é a divergência de opiniões acerca de determinados trechos bíblicos. Embora isso não desmereça necessariamente o mérito dos Padres, qual critério seguir para saber quem interpreta corretamente?

Numa análise crítica, está claro que a quantidade de dados não é argumento *per se*, sobretudo quando predomina a linha exegética alexandrina, embora esta seja a primeira entre todas sob o ponto de vista literário. De qualquer forma, é interessante notar a importância do fator cronológico. Em geral, os grandes autores do século II, por sua maior proximidade com os escritores neotestamentários, possuem também maior sintonia com eles que com os do século IV em diante.<sup>19</sup>

O estudo patrístico, ademais, evita a exegese erudita e independente da Tradição, pois com o auxílio dos Padres pode-se formar uma autêntica exegese católica — diversa da típica *sola scriptura* de matriz protestante —, ao unir harmoniosamente a *parádosis* (tradição) à leitura bíblica.<sup>20</sup> Nesse sentido, comenta Orbe:

É preciso decidir-se por um dos extremos do dilema: ou se abordam as fontes da Revelação, segundo os Padres, conforme as linhas fundamentais de sua exegese bíblica; ou se relegam, com sinceridade, os santos Padres ao campo da erudição histórica, sem crer-se comprometido por eles a seguir uma exegese, que na época se creu depositária da verdade. Muita valentia se requer para aceitar o dilema; e maior para optar pelo segundo extremo.<sup>21</sup>

---

17) Idem. El estudio de los Padres de la Iglesia. In: LATOURELLE, René (ed.). *Vaticano II: Balance y perspectivas*. Veinticinco años después (1962-1987). Salamanca: Sígueme, 1989, p. 1043.

18) *Ibid.*, p. 1043.

19) *Ibid.*, p. 1038.

20) Cf. *ibid.*, p. 1037-1038.

21) *Ibid.*, p. 1038.

Portanto, a relação entre a exegese e a tradição positiva da Igreja é o marco da investigação patrística: “Seus critérios *positivos* não se baseiam na ciência pessoal dos Padres, quer seja Irineu, Hilário, Agostinho; mas sim na tradição eclesial que eles representam”.<sup>22</sup>

Isto implica uma ética de trabalho para o investigador, ou ainda uma “honestidade teológica”, mediante a qual o Padre não pode nunca ser tirado do contexto a fim de favorecer uma perspectiva pessoal desvinculada da realidade.<sup>23</sup>

Por último, não podemos esquecer a importância do *Consensus patrum* para a teologia. Já Melchor Cano (1509-1560), em seu *De locis theologicis*, o situa entre os “lugares” de auxílio para a teologia. Esse conceito será utilizado no Concílio de Trento e no Vaticano I para expressar a tradição dos ensinamentos doutrinários dos Padres da Igreja e seu caráter normativo, e até mesmo infalível (quando unânime), na interpretação da Escritura.<sup>24</sup> Em síntese, a teologia considera o consenso dos Padres como *locus*, porque sua doutrina converge com o *depositum fidei*:

Os seus escritos são um ponto de referência específico (*locus*) para a teologia católica. A Tradição conhecida e vivida pelos Padres era multifacetada e palpitante de vida, como se pode ver na pluralidade de famílias litúrgicas e nas tradições espirituais e exegético-teológicas (por exemplo, nas escolas de Alexandria e Antioquia); uma pluralidade firmemente ancorada e unida na única fé.<sup>25</sup>

Ademais, revela-se a continuidade dos Padres em relação à tradição apostólica, da qual são eco fidedigno: “Os Padres não falam por suas opiniões pessoais a não ser quando afirmam uma verdade; isso quando de fato foi afirmado por todas as Igrejas, desde o tempo dos Apóstolos até nossos dias, sem interrupção”.<sup>26</sup> Santo Agostinho ressalta a importância e o valor de suas doutrinas, a ponto de defender que o testemunho comum dos Padres é a própria

---

22) *Ibid.*, p. 1044.

23) Cf. ORBE, Antonio. La patrística y el progreso de la teología. *Gregorianum*, v. 50, 1969, p. 546.

24) Cf. DS 1507; 3007.

25) COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *A teologia hoje*. Disponível em: <[http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/cti\\_documents/rc\\_cti\\_doc\\_20111129\\_tologia-oggi\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_doc_20111129_tologia-oggi_po.html)>. Acesso em: 12.6.2014.

26) NEWMAN, John. Henry. *Discussions and Arguments*, II, 1, 44. Birmingham: Birmingham Oratory, 2008, p. 45.

“voz de Igreja”.<sup>27</sup> Já a Constituição conciliar *Dei Verbum* insiste no papel primordial dos Padres por “sua presença viva desta tradição, cujos tesouros se comunicam à prática e à vida da Igreja crente e orante”.<sup>28</sup>

Assim, pois, o estudo dos Padres, quando desvinculado de um fátuo arqueologismo teológico, aprofunda a primitiva teologia cristã e revela a operação divina do Paráclito sobre esses homens providenciais que guiaram a barca de Pedro em momentos decisivos.

Conforme comenta Orbe, “somente quem dorme sobre as páginas do Evangelho, dele arranca seus tesouros. Assim viviam os Padres dos séculos II e III, com uma problemática impressionante”.<sup>29</sup> Cabe a nós, agora, desvendar os tesouros deles.

*Francisco Berrizbeitia Hernández, EP*

---

27) Cf. AUGUSTINUS HIPONENSIS. *Contra duas epistulas pelagianorum*, 4, 8, 20 (CSEL 60, 542-543).

28) *Dei Verbum*, n. 8.

29) ORBE, Antonio. *Parábolas Evangélicas de San Ireneo de Lyon*. Madrid: BAC, 1972, v. 1, p. ix.